

DESCARTES: A DÚVIDA METÓDICA COMO CAMINHO PARA A CERTEZA

Zacarias Pires Pereira*

RESUMO: Este texto tem como propósito principal debruçar sobre a teoria do cogito de Descartes, a fim de compreender a existência do homem a partir do homem. A prova definitiva da existência do homem é buscada no próprio homem. A dúvida metódica será vista como um caminho para a certeza, não apenas como a simples dúvida pela dúvida. Sua abordagem será perseguida como uma inquietação da mente que busca os princípios de tudo o que tem recebido como verdade inquestionável. O tema será tratado à luz das obras de Descartes, “Discurso do método” e “Meditações metafísicas” e alguns críticos desse filósofo.

PALAVRAS-CHAVE: Homem. Conhecimento. Razão. Dúvida. Verdade.

1 INTRODUÇÃO

A dúvida metódica como caminho para a certeza é posta por Descartes como via segura que fornece ao homem a possibilidade de alcançar solidez em seus conhecimentos. Em busca de alicerçar o conhecimento das coisas Descartes, em “Teoria do Método”, propõe que o homem deve colocar tudo o que pensa conhecer em suspense, a fim de avaliar esse conhecimento à luz da razão, para constatar se os mesmos são verdadeiros ou frutos de enganos que lhe foram passados ou impostos sem que nunca sua validade fosse posta em questão. Por sua vez, em suas “Meditações Metafísicas” ele conduz seu pensamento pelo caminho do método por ele idealizado, para que dessa forma chegue a um conhecimento seguro.

* Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: zacariasletras@hotmail.com.



A abordagem aqui realizada em torno dessa temática, apesar de insipiente, contribui para a compreensão do sentido do termo dúvida apresentado por Descartes como forma de adquirir um conhecimento com bases verdadeiras.

Dentre as várias questões que se pretende responder nesse texto, pode-se destacar: Em que consiste a dúvida metódica? Quais os princípios que norteiam o método cartesiano? Como se dá o conhecimento no homem? Espera-se que tais questões sejam trabalhadas nessa produção e que a mesma seja um contribuição que venha somar à riqueza das produções em torno da obra desse grande filósofo.

2 A DÚVIDA METÓDICA

Em toda a nossa jornada, enquanto indivíduos, somos orientados por opiniões cristalizadas e dificilmente paramos para questioná-las. Como forma de poder encontrar motivos para continuar acreditando ou não nas ‘verdades’ conhecidas, todo o conhecimento deve ser reavaliado, e nessa inspeção tudo que for passivo de dúvida deverá ser rejeitado se ao final não mostrar correspondência com a realidade. A dúvida se torna inevitável quando se avalia conhecimentos acumulados ao longo dos anos, sem que os mesmos tenham sido construídos à luz da razão, como descreve Etienne Gilson, no sua análise do *Discurso do método*,

A dúvida metódica consistirá, portanto, em primeiro lugar, em considerar provisoriamente como falsas todas as nossas opiniões passadas, mas, em seguida, e sobretudo, em meditar longamente sobre as razões que podemos ter para colocá-las efetivamente em dúvida (DESCARTES, 2009, p. XV).

A dúvida metódica é posta como o caminho da análise minuciosa de todas as ‘verdades’ para que se perceba a sua validade ou não. Nessa tarefa metódica, o indivíduo pensante busca sondar pelo seu espírito as fontes de seus conhecimentos e fundar suas próprias bases com validade racional.



Só é possível a construção de um conhecimento verdadeiro se esse decorrer de uma abordagem levada a termo pelo crivo da razão que poderá considerá-lo indubitável. Por isso, “Aquele que busca a verdade na evidência só pode aceitar o que aparece como claro e distinto usando única e exclusivamente a razão para determinar dessa forma o conhecimento” (SILVA, 1993, p. 32). A razão funcionará como uma aferidora indispensável para que cada um de nossos conhecimentos possa subsistir pela sua comprovada evidência.

de forma idêntica a todos os homens, compete a cada um utilizá-la de forma plena.

A teoria do conhecimento de Descartes tem um forte teor metafísico, o seu sistema metafísico “não visa outra coisa senão fundamentar o conhecimento de modo certo e seguro” (FORLIN, 2005, p. 17). A dúvida proposta por esse filósofo, como caminho para a certeza, tem um caráter hiperbólico, ou seja, procurar descartar tudo aquilo que for passivo da menor sombra de dúvida. Portanto, o indubitável é o critério por excelência preconizado pelo filósofo quanto ao conhecimento da verdade. “A dúvida cartesiana, portanto, opera segundo o rigor lógico da necessidade. A indubitabilidade como critério de verdade consiste, então, num critério lógico de verdade” (FORLIN, 2005, p. 34). A razão será utilizada na condução do método a fim de que nossas opiniões possam achar o seu correspondente real.

Ao voltar-se às diversas opiniões o que Descartes faz não é um simples levante contra as opiniões em si. Não é a verdade das opiniões que é colocada em relevo, mas a sua correspondência com a realidade. Não é apenas pelo fato dessas opiniões vierem dos sentidos, que geralmente pode nos enganar, mas deve se observar se tais ideias têm ligação real com as coisas que elas evocam.

Se a verdade de nossas opiniões é a sua correspondência com as coisas de que elas são opiniões, então, para que essas opiniões sejam verdadeiras, a



correspondência com as coisas de que são opiniões deve ser indubitável, isto é, necessária (FORLIN, 2005, p. 56).

Portanto, para que tais conhecimentos, provenientes de nossas opiniões sejam aceitos como legítimos pelo método cartesiano, faz-se necessário que estes sejam passivos de comprovação pelo crivo da razão que encontrará sua correspondência com a coisa real.

3 A RAZÃO COMO UMA DÁDIVA BEM DISTRIBUÍDA

A capacidade de operar no sentido de tornar sólido o conhecimento adquirido ao longo de sua vida é aferida a cada ser humano, segundo Descartes. Essa capacidade diz respeito presença da faculdade da razão em cada indivíduo, por isso “Tendo Deus concedido a cada um de nós alguma luz para discernir o verdadeiro do falso, acreditei não me dever contentar um só momento com as opiniões dos outros, se não me tivesse proposto empregar meu próprio juízo em examiná-las no devido momento” (DESCARTES, 2009, p. 50).

O que deve se levar em consideração é o fato de que mesmo Deus havendo colocado em cada homem essa faculdade que permite ao homem julgar bem, nem todos os homens se utilizam bem dessa poderosa ferramenta. Ao tomar a iniciativa de se utilizar dessa capacidade, o homem não se dará por satisfeito viver à luz da opinião dos outros, não se conformará em ser guiados por outra luz, senão da sua própria mente.

O que Descartes propõe é exatamente essa tomada de posição, essa disposição do espírito a agir plenamente a fim de buscar um conhecimento verdadeiro que perpassasse no cadinho de sua razão. A deficiência de nossos conhecimentos é vista por Descartes como um problema de base. Para ele “É quase impossível que nossos juízos sejam tão puros e tão sólidos como teriam sido se tivéssemos tido inteiro uso de nossa razão desde a hora de nosso nascimento, e se tivéssemos sido conduzidos sempre por ela” (DESCARTES, 2009, p. 25).



A essa falta de condução pelos portais da razão, nosso filósofo propõe o seu método. Quanto mais alienado tenha sido o homem do bom uso de sua razão, mais dificuldade esse terá de perceber claramente as coisas. A própria atitude de perceber-se ignorante frente ao conhecimento da verdade, já expressa vestígio da razão no interior daqueles que assim se percebem.

A habilidade no uso da razão é o que levará o homem à avaliação de suas opiniões e o possibilita tomar iniciativas, a fim de substituí-las, se for o caso, por outras mais sólidas, afinadas com a razão. O refinamento da sensibilidade para construção de um conhecimento seguro exige como premissa singular o despir-se de todo preconceito, pois este impede que as ‘verdades’ sejam postas em suspensão, a fim de serem avaliadas pela razão. Descartes afirma: “Nunca meu propósito foi mais do que procurar reformar meus próprios pensamentos e construir um terreno que é todo meu” (DESCARTES, 2009, p. 27).

A necessidade de firmar pensamentos próprios está relacionada à construção da própria identidade do indivíduo, mas nem todos estão preparados para esse desafio, pois teriam que desconfiar do próprio solo que sustenta seus pés. Certamente essa é uma das causas por que poucos têm a disposição de pôr em marcha o uso de sua racionalidade, ou seja, o método de pensar o pensado, pensar o conhecimento até então tido como legítimo.

4 PRINCÍPIOS PARA CONDUÇÃO DO ESPÍRITO

Com seu método, Descartes propõe alguns princípios que devem ser observados para direção do espírito, rumo à aquisição de um conhecimento seguro. Os quatro princípios que ele apresenta podem favorecer a dissipação das trevas da ignorância, ao tempo que propiciam a dúvida metódica. “O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar



cuidadosamente a precipitação e a prevenção” (DESCARTES, 2009, p. 33). Por esse princípio entende-se a atitude prática de tomar o caminho por si mesmo em busca do conhecimento. Nesse intento o homem que deseja conhecer deve cuidar-se para não ser precipitado em aceitar tudo como verdadeiro, sem que haja uma análise cuidadosa do pretense conhecimento. Mas não basta apenas se cuidar quanto à precipitação, ele precisa também se cuidar para que não se blinde demais, por uma prevenção exagerada a ponto de tornar-se inoperante ou inativo. Ele precisa também agir, ou seja, em algum momento deve deliberar. “O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possíveis e necessário para melhor resolvê-las” (DESCARTES, 2009, p. 34). Aqui temos a necessidade da fragmentação, ou seja, da organização sistemática de cada problema a fim de que estes sejam analisados dentro de suas peculiaridades. Seria a atitude de desmontar a gama de informações em compartimentos, para que quando da montagem dos mesmos, ver quais são aqueles passíveis de serem abandonados ou absorvidos.

Descartes pretende que o caminho tomado pelo homem para dirigir bem o seu espírito seja bastante plausível, por isso propõe o seu terceiro princípio: “O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos compostos” (DESCARTES, 2009, p. 34). Uma vez dividido em parcelas, agora os conhecimentos vão ser dirigidos por ordem segundo a ligação que possuem entre si, segundo as suas especificidades, partindo sempre daqueles que são mais acessíveis ao entendimento para que a partir desses se possa aprofundar na análise daqueles que sejam mais complexos. Finalmente, “O último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir” (DESCARTES, 2009, p. 35). Agora, como etapa final, tem-se o momento de operar com os conhecimentos trabalhados, uma espécie de revisitação, ou inspeção a fim de ver se alguma coisa não passou despercebida. Esse é o momento de uma sondagem mais



acurada, numerando todos os aspectos possíveis de um problema para não deixar nada sem ser avaliado, só assim poderemos prosseguir em análise de outros objetos, sem descartar a possibilidade de uma nova incursão nos antigos problemas abordados.

O que pode justificar o método cartesiano é o fato de que o conhecimento que obtemos é construído por um fio condutor, ou seja, “Todas as coisas que podem cair sob o conhecimento dos homens encadeiam-se da mesma maneira” (DESCARTES, 2009, P. 36). O método serve exatamente para buscar os fios do encadeamento de nossos conhecimentos e por sua desconstrução e possível reconstrução perceber aqueles fios que destoam do tecido original, que não podem ser escolhidos na construção de uma indumentária útil, traçada pelo maquinário da razão. Não pode existir duas verdades de uma mesma coisa, portanto, o método cartesiano propõe que se encontre a verdade dos nossos conhecimento, pois descobrindo seu fundamento saberá dele o que se pode saber.

5 A MORAL PROVISÓRIA

A prudência em trabalhar com a validade dos conhecimentos adquiridos deve levar o homem a agir com cautela. Ele não pode desfazer de todo conhecimento de forma imediata, por isso deve ter certo cuidado no sentido de voltar-se provisoriamente para alguns elementos com os quais poderá se apegar, até que se construa bases mais sólidas.

Formei para mim uma moral provisória que consistia em apenas três ou quatro máximas [...] A primeira era obedecer às leis e aos costumes de meu país, conservando com Constância a religião na qual Deus me deu a graça de ser instruído desde minha infância, e governando-me em qualquer outra coisa segundo as opiniões mais moderadas e mais moderadas e mais afastadas do excesso, que fossem comumente aceitas e praticadas pelas pessoas mais sensatas entre aquelas com quem teria de conviver (DESCARTES, 2009, p. 44).



A moral provisória consiste em se apoiar em determinadas autoridades que possam permitir que não se perca por completo a referência com o mundo do conhecimento externo, mesmo que a intenção seja desconstruí-lo posteriormente, o que não pode ser feito estando com os pés totalmente fora dele. As leis e os costumes de seus pais era o que ele tinha de mais seguro, aparentemente, por isso, por enquanto, não podia abrir mão desses princípios morais. Deveria honrar a religião de seus pais, pois foi nela que ele teve parte de sua formação, ainda que porventura, no futuro, ele também tenha que a reconsiderar. Devia respeitar, então, as opiniões daquelas autoridades que o inspirasse confiança e que tivessem o apreço dos mais sensatos.

Outro caminho a seguir, enquanto durasse sua busca pela verdade, constituía em não deixar de avaliar tudo o que estivesse ao seu alcance, por isso sua “segunda máxima era ser o mais firme e resoluto que pudesse em minhas ações, e não seguir com menos constância as opiniões mais duvidosas, uma vez que por elas me tivesse determinado, do que as seguiria se fossem muito seguras” (DESCARTES, 2009, p. 46). Deveria ser firme em seu propósito a despeito da obviedade ou não das opiniões a ser analisadas. As opiniões mais duvidosas traziam maiores desafios, uma vez que defendia que a partir da dúvida é que se podia chegar a grandes certezas. Portanto, tanto as opiniões mais seguras quanto as mais duvidosas exigiam do seu método um tratamento firme.

O terceiro caminho a ser seguido pelo filósofo era, talvez, o mais árduo, pois ele precisava vencer-se a si mesmo. Tinha que se desarmar de todo preconceito que certamente o impediria de ser imparcial em sua busca:

Minha terceira máxima era sempre tentar antes vencer a mim mesmo do que a fortuna, e modificar antes meus desejos do que a ordem do mundo, e, geralmente, acostumar-me a crer que não há nada que esteja inteiramente em nosso poder, a não ser os nossos pensamentos, de sorte que, depois de termos feito o que nos era possível no tocante às coisas que nos são



exteriores, tudo o que nos falta conseguir é, em relação a nós, absolutamente impossível (DESCARTES, 2009, p. 47).

O controle dos seus próprios desejos deveria ser alvo de sua razão. Sua vontade deveria ser submissa pela razão que lançaria os raios diretivos sobre seu querer. A mudança exterior que pretendia só seria possível a partir de uma mudança interior, uma mudança de visão. O que o homem tem de mais essencial e sobre seu domínio é a sua própria razão, ou seja, os seus pensamentos. Por eles, seus pensamentos, o homem tanto se volta para mundo exterior para conhecer a verdade das coisas, como se volta para dentro de si mesmo para se autoconhecer

6 O EU PENSAnte: DA DÚVIDA À CERTEZA

A destruição das velhas opiniões, frutos de pensamentos impostas no decurso de nossa jornada, só é possível quando dispomos nossa mente à reflexão dura quanto às ‘verdades’ que nos acompanham. Ao destruir tais opiniões que julgávamos seguras, porém mal fundamentadas, amadurecemos pelas experiências advindas dessas incursões da razão e nos habilitamos a fundar opiniões mais confiáveis.

Na checagem e estruturação de nossas opiniões devemos levar em consideração que nossos sentidos nos enganam, por isso nossa própria razão deve ser guiada de forma metódica para que não corramos o risco de sermos mal direcionados, dado às influências de nossos sentidos. Cada pessoa utiliza os sentidos de forma diferente e nem sempre temos a percepção afinada a verdade das coisas, por isso é possível nos enganar mesmo quanto ao nosso raciocínio se este estiver embalado apenas pelos sentidos. O que torna a dúvida cartesiana uma condição para as bases de um conhecimento verdadeiro, se deve a seriedade que envolve a busca da racionalidade daquilo que devemos crer. “É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do processo de busca” (SILVA, 1993, p. 36).



A dúvida que leva à certeza, ao conhecimento da verdade das coisas, não surge ao acaso, não é um simples capricho de quem quer desacreditar por desacreditar

O voo do espírito sobre si mesmo leva ao descobrimento de que o ser que duvida só duvida porque pensa e uma vez que pensa só pode existir. Essa conclusão é indubitável. A conclusão de que seja uma coisa pensante, possibilita ao homem perceber que sua dúvida ou inquietação frente às ‘verdades’ das opiniões até então tidas como verdadeiras é uma dúvida que leva ao conhecimento. Portanto, o conhecimento de sua própria existência é a prova de que é possível conhecer de fato. Sua dúvida é a garantia de sua existência: “pelo próprio fato de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, decorria muito evidentemente e muito certamente que eu existia” (DESCARTES, 2009, p. 46). O reconhecimento humano de sua existência leva nosso filósofo a concluir que só podemos ser uma substância cuja única essência seja pensar.

Para Descartes o seu método faz toda diferença naqueles que por ele são exercitados. Por ele o homem pode adquirir o hábito de pensar corretamente, e assim adquirir conhecimentos que de outra forma não seria possível. Como forma de construir um conhecimento seguro, Descartes propõe o caminho da metafísica, a fim possibilitar uma experiência pura com a verdade. “A metafísica é, pois, realmente o domínio da experiência pura. Assim, é meditando que se aprende o que pode ou não a razão, como é andando que se sabe até onde se pode ir” (GUENANCIA, 2002, p.89). Aplicando seu método as suas “Meditações”, Descartes pretende conduzir seu espírito na busca do conhecimento verdadeiro. O que compele o filósofo a mergulhar em suas meditações é o reconhecimento da falta de uma boa condução de sua razão durante o seu tempo de vida:

Há já algum tempo me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera grande quantidade de falsas opiniões como verdadeiras e que o que depois fundei sobre princípios tão mal assegurados só podia ser muito duvidoso e incerto (DESCARTES, 2011, p. 29).



Ao perceber que suas opiniões estavam apoiadas nos sentidos e nas opiniões de outros sem que as mesmas tivessem sido apuradas à luz de uma análise mais acurada, ele as submete ao seu método e percebe que a maioria delas não subsistem: “Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiros e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram” (DESCARTES, 2011, MEDITAÇÃO PRIMEIRA [3], p.31). A reformulação de suas convicções se faz necessária, pois não se deve estar descansado em conhecimentos fundados em bases tão insipientes, como os sentidos. Já que os sentidos operam de forma diferente em momentos e pessoas diferentes, e todas as suas convicções eram advindas de tais fontes, o método cartesiano não podia aceitar que tais conhecimentos pudessem ser levados adiante sem sua avaliação rigorosa que possibilita a desconstrução e reconstrução do conhecimento se for o caso.

7 A EXISTÊNCIA DO HOMEM PRESSUPÕE EXISTÊNCIA DE DEUS

Ao conhecer-se a si mesmo o homem empreende um mergulho em sua interioridade e daí emerge de si mesmo encontrando então a certeza de si e do mundo exterior. “A ordem do conhecer envolve, pois, a do ser, mas ela não tem outra finalidade senão fazer o espírito sair de si mesmo depois que o obrigou a encerrar-se em si mesmo para encontrar uma certeza, somente subjetiva, de que as coisas exteriores, cuja existência revelou-se ser duvidosa, não podem lhe assegurar” (GUENANCIA, 2002, p.76). Tendo o seu espírito experimentado essa dimensão do conhecer-se, o homem não se permitirá apoiar-se a não ser naquilo que ele mesmo tenha construído em sua subjetividade. Sendo o homem uma coisa que pensa, possui em si a capacidade de duvidar, e uma vez que duvida ele concebe alguma coisa ao afirmar ou negar um conhecimento. Essa capacidade é elemento essencial



para a conquista de algum conhecimento certo, seguro. Como coisa que pensa e duvida esboço minha imaginação e meus sentimentos, porém meu conhecimento é uma ação de minha mente, pela evidência do meu espírito. Assim:

Conhecemos os corpos apenas pela faculdade de entender que está em nós, e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de os vermos, ou de os tocarmos, mas somente pelo fato de os concebermos pelo pensamento, conheço evidentemente que há nada que seja mais fácil de conhecer do que meu espírito (DESCARTES, 2011, p. 54).

Pelo meu espírito posso acercar-me das condições que me possibilita um conhecimento seguro e livrar-me do engano, pois poderei ser enganado quanto a opiniões ou questões que dizem respeito aos meus sentidos, mas jamais poderei ser enganado quanto ao meu ser, pois enquanto eu penso ser alguma coisa não poderei ser demovido dessa existência.

Como o conhecimento seguro deve partir do princípio socrático do conheça-te a ti mesmo, Descartes, sem desprezar o mundo material em si mesmo, não liga a existência do ser pensante ao mundo material. Para ele, segundo Forlin,

A descoberta que o sujeito da dúvida faz de sua própria existência é fruto de uma dupla constatação: de um lado, a constatação gradativa de que a inexistência do mundo material não implica a sua própria inexistência; de outro, a constatação de que sua existência está necessariamente subentendida no próprio ato de pensar (FORLIN, 2005, p.100).

Se penso e sei que penso, isto é suficiente para saber que existo a despeito do corpo extenso. Ainda que por ventura o mundo empírico seja uma ilusão, pelo menos posso estar certo, enquanto coisa que pensa, de que eu existo.

Para Descartes a ideia no homem de um ser perfeito não poderia ter surgido do nada. “De modo que ela só podia ter sido inculcada em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que eu, e que até



tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma idéia, isto é, para explicar-me numa só palavra, que fosse Deus” (DESCARTES, 2009, p. 62). Admitir a existência de Deus não é um mero sentimento religioso, é uma conclusão da razão do ser que pensa seu próprio pensamento. Tal existência divina ancoraria no homem a certeza das certezas que buscava. Uma vez que o homem existe e sabe que existe, ele descobre que um ser mais perfeito que ele só pode existir como explicação de sua própria existência. Desde que existo e carrego comigo a ideia de perfeição, logo tenho que concluir que esse ser sumo-perfeito existe e, certamente ele é Deus.

A existência de Deus é certa para o filósofo como as demonstrações geométricas, por isso ele afirma: “É pelo menos tão certo que Deus, que é esse ser perfeito, é ou existe, quanto pode ser qualquer demonstração da geometria” (DESCARTES, 2009, p. 66). A existência de Deus é condição necessária e suficiente para a existência de todas as demais perfeições. Só podemos ter um conhecimento claro e distinto das coisas por que Deus é ou existe. Tudo que podemos conhecer, portanto, vem desse ser perfeito. Se não conseguimos obter um conhecimento perfeito das coisas isso se deve ao fato de não sermos totalmente perfeitos, daí a necessidade de utilizarmos bem a nossa razão, dádiva divina, e nisso o método cartesiano se propõe a nos ajudar. A dúvida gerada pela razão em busca da verdade das coisas expressa essa possibilidade de as conhecermos como elas são, já que temos em nós a potência para conhecer. Por isso em quaisquer situações seja na vigília ou dormindo, segundo Descartes, nunca devemos deixar ser levado a não ser por aquilo que seja evidente à nossa razão. É a razão que nos deve guiar sempre em busca da verdade de nossos conhecimentos, pois somente ela pode nos trazer o conhecimento verdadeiro.

Em nosso espírito está a capacidade de nos pôr em rumo a verdades confiáveis, conquanto tal faculdade recebemos de um ser perfeito, Deus. A inquietação que brota no espírito pensante é que o dirige em busca da



verdade, para que suas convicções o leve de encontro a sua própria identidade. Logo, “A procura da verdade ou da certeza precede a descoberta da realidade ou da existência do eu pensante, de Deus, dos corpos, e particularmente daquele com o qual o meu espírito está unido” (GUENANCIA, 2002, p. 76). Dessa forma o homem conhecer em si mesmo a marca do seu criador e conseqüentemente perceber o seu próprio corpo como unido ao seu eu profundo.

A possibilidade de que o homem possa ser um engano como também o possa ser seu conhecimento de Deus ou de qualquer outra coisa é também abordada por Descartes. Para ele, quanto às coisas que sabemos existir, mas que não passam por nossos sentidos sua apreensão depende de uma busca metafísica. Nesse ponto do pensamento cartesiano é posta a indagação quanto ao Gênio maligno:

Ora, quem me pode assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar, e que não obstante eu tenha os sentimentos de todas essas coisas, e que tudo isso não me pareça existir de modo diferente do que o vejo? [...] Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte de verdade, mas certo gênio maligno, não menos enganador que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me (DESCARTES, 2011, p. 35 e 38).

Se fosse possível que tudo fosse um engano, isso colocaria em suspeita a própria bondade e perfeição de Deus, porém o homem que pensa, não poderia ser enganado quanto a sua existência, pois para ser enganado naturalmente tem de existir. Se ele existe e tem em si a ideia de um ser perfeito, essa ideia foi colocada nele por um ser mais perfeito que ele, ser imperfeito. O ser que o presenteou com a noção da perfeição não pode ser enganador, pois é um ser bom e o engano o tornaria maligno, portanto mal. Assim, é questionável a possibilidade de um gênio maligno, pois



Não há dúvida, então, de que eu sou, se ele me engana; e que me engane o quanto quiser, jamais poderá fazer com que eu não seja nada, enquanto eu pensar ser alguma coisa. [...] é preciso enfim concluir e ter por constante que esta proposição, Eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2011, p. 42).

Essas conclusões levam Descartes a assumir que de fato é uma coisa pensante, um espírito, uma razão que não o deixa confundido com sua própria existência.

Pois não há dúvida de que Deus tem a potência de produzir todas as coisas que sou capaz de conceber com distinção; e jamais julguei que lhe fosse impossível fazer alguma coisa, a não ser quando eu encontrava contradição em poder concebê-la bem. Ademais, a faculdade de imaginar que está em mim, e da qual vejo por experiência que me utilizo quando me aplico à consideração das coisas materiais, é capaz de persuadir-me da existência delas (DESCARTES, 2011, p. 109).

A potencia divina de gerar todas as coisas que posso conhecer me confere a capacidade de conhecer todas as demais coisas, já que Deus é a fonte de tudo e para o eu possa conhecê-lo, preciso apenas tomar o caminho a partir de si mesmo, pela via que o próprio Deus colocou dentro de cada um, ou seja, existe a marca do Criador impressa em cada uma de suas criaturas. A faculdade de imaginar que está em mim pode me levar ao conhecimento de mim mesmo, de Deus e das coisas extensas ou materiais.

8 CONCLUSÃO

A dúvida metódica proposta pelo método cartesiano, como se pôde observar, é uma via que proporciona àqueles que por ela andar um direcionamento que começa no interior do homem e que daí se propaga para o mundo extenso. À medida que o homem vai se conhecendo ele consegue conceber melhor a ideia da divindade, como também a potencia de conhecer as verdades das coisas em suas respectivas correspondências.



Apreende-se do pensamento de Descartes, que o pensamento ordenado de forma metódica, pode conduzir bem nossos sentidos e apurar as nuances de nossos sentimentos, afastando-nos, o máximo possível, das sombras da ignorância.

As propostas estabelecidas nesse estudo foram alcançadas, uma vez que se pôde constatar que é possível por meio da organização e disciplina de nossos pensamentos por meio da razão para obter um conhecimento seguro não apenas das coisas, mas, principalmente, de nós mesmos, passando desse conhecimento para a realidade da existência de Deus e daí para as coisas extensas, tudo isso tendo como mola propulsora a dúvida metódica.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Meditações metafísicas**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FORLIN, Enéias. **A teoria cartesiana da verdade**. São Paul: Editora UNIJUI, 2005.

GUENANCIA, Pierre. **Descartes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Descartes: a metafísica da modernidade**. São Paulo: Moderna, 1993.



Zacarias Pires Pereira

<http://Lattes.cnpq.br/0925275772726322>

